



Bons sinais dos tempos

Vivemos num mundo em transição acelerada e, apesar das inúmeras dificuldades associadas a tantas e tão rápidas mudanças nos hábitos e costumes, existem alguns pontos no modo de se relacionar das novas gerações que apresentam evoluções claras. O respeito à diversidade é um deles.

Sei que alguns “poréns” e “senões” podem ser levantados, inclusive na forma como tal respeito se manifesta, muitas vezes de forma agressiva. Nós que somos do século passado, estamos até ficando acostumados a ouvir sermões sobre o uso indevido de pronomes masculinos ou femininos e, em alguns casos, rola até um esculacho perfeitamente dispensável. Melhor seria se o alinhamento ocorresse de modo gentil e pacífico.

Sabemos também que nem tudo são flores, estamos diante de uma enorme fragilidade emocional dessa mesma geração, que não lida bem com frustrações e se aborrece diante da mais rápida espera. Para quem tem o mundo nas mãos através das telas, que garantem acesso imediato a informações, não é de se estranhar que esperar seja um desafio.

Por outro lado, vemos que a pressa, muitas vezes, tem um papel importante, ou seja: tem também seu lado bom. É o combustível que move as transformações urgentes a serem encaradas por uma nação jovem cuja sociedade ainda está engatinhando em termos de respeito aos direitos humanos.

As comemorações recentes do 20 de Novembro mostraram que estamos avançando. O Dia da Consciência Negra de 2023 foi um marco em nossa história. O ponto



alto, para mim, foi a retratação feita com muita humildade e dignidade pela presidente do Banco do Brasil.

Uma série de medidas institucionais para combater o racismo estrutural foi anunciada, depois que o Ministério Público Federal abriu um inquérito para investigar o envolvimento do banco na escravidão e no tráfico de cativos africanos durante o século 19. As revelações da BBC News deram detalhes.

A presidente da instituição, Tarciana Medeiros, primeira mulher negra no cargo desde a fundação

do BB, em 1808, diz em comunicado no site oficial que “o Banco do Brasil de hoje pede perdão ao povo negro pelas suas versões predecessoras e trabalha intensamente para enfrentar o racismo estrutural no país”.

“O BB não se furta a aprofundar o conhecimento e encarar a real história das versões anteriores da empresa. Mas o simples fato de sermos uma instituição da atualidade nos move a realizar atividades voluntárias com o compromisso público e com metas concretas para combater a desigualdade étni-

co-racial e buscar por justiça social no âmbito de uma sociedade que guarda sequelas da escravidão, independentemente de existir ou não qualquer conexão, ainda que indireta, entre atividades de suas outras versões e escravizadores do século 19”, acrescentou Tarciana.

A ministra Anielle Franco, que também vem fazendo um trabalho essencial, publicou um pronunciamento emocionante. Enfim, passos importantes sendo dados, e uma chama de esperança crescendo dentro de nosso coração.